

Apresentação

A escola e a sua materialidade: o desafio do trabalho e a necessidade da interlocução

Maria Cristina Menezes*

A interlocução com outros pesquisadores do Brasil e de outros países, da América Latina e Europa – com algum tipo de intervenção no âmbito da cultura da escola e sua materialidade, como os trabalhos apresentados nesse dossiê – tem-nos fortalecido nos propósitos enunciados e também nos auxiliado a lidar com os limites e os desafios que nos assolam, em nossas pesquisas no campo da constituição da escola no Brasil, sobretudo nas intervenções junto às disciplinas de História da educação, na Faculdade de Educação (FE) da Unicamp. Essa preocupação se estende às demais frentes de trabalho com esse tema: os projetos que vimos desenvolvendo, com o auxílio da Fundação da Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) e do Fundo de Apoio ao Ensino, à Pesquisa e à Extensão (FAEPEX) da Unicamp¹, para a organização e preservação de arquivos e bibliotecas de escolas públicas de Campinas; a participação no Convênio CAPES/GRICES², Brasil e Portugal, que abriga o projeto: *A história da escola em Portugal e no Brasil: circulação e apropriação de modelos culturais*.

O trabalho com a materialidade da escola tem permitido rastrear práticas, processos e relações constituintes dessa modalidade social, a escola, tal como a vimos seguindo: como prática cultural, que se constitui na intersecção de outras práticas culturais de nossa sociedade. A preservação do patrimônio histórico escolar tem exigido que os pesquisadores adentrem porões e antigos galpões à procura de ves-

* Professora da Faculdade de Educação da Unicamp e organizadora deste dossiê. mcris@unicamp.br

1. Projetos: *Preservação do patrimônio histórico institucional: Escola Normal de Campinas* (FAPESP) e *As normalistas vão ao arquivo: o resgate da memória da Escola Estadual Carlos Gomes* (FAEPEX), desenvolvidos com a participação dos pós-graduandos da FE – Unicamp: Adriano Marins, Eva Cristina Leite da Silva, Maria de Lourdes Pinheiro e Oscar Teixeira Júnior.
2. Projeto coordenado no Brasil por Marta Maria Chagas de Carvalho, CME/USP, e em Portugal por Joaquim Pintassilgo, Universidade de Lisboa, com a participação da docente e pós-graduandos da FE/Unicamp.

tígios dessas culturas constitutivas da instituição escolar, de sua materialidade. Nessa busca, há o encontro com os documentos dos arquivos, ditos “mortos”, com os livros de antigas bibliotecas, além do material museológico, suportes físicos constitutivos das práticas escolares.

A organização do dossiê *Cultura escolar e cultura material escolar: entre arquivos e museus* ocorreu diante do imperativo de sistematização da discussão, já um tanto ampliada, iniciada durante o “I Seminário sobre Educação e História”, organizado por mim e Luiz Carlos Barreira, na Unicamp, em julho de 2003. Posteriormente, novas contribuições foram sendo incorporadas. Naquele momento, a organização dessa discussão mostrou-se de grande pertinência, uma vez que o Encontro, intitulado: “Educação e História: novas possibilidades”, permitiu o diálogo com pesquisadores que investem em novas opções metodológicas, ao se debruçarem sobre objetos e temas até então considerados inéditos, senão malditos, o que envolvia também os estudos sobre a memória em sua relação com a história, com a história da educação e com a escola vista para além de lugar de trabalho, ao constituir-se também em lugar de memória.

O esforço em se preservar a memória das instituições, prática que se tem difundido amplamente entre os historiadores da educação, faz com que se vá além dos registros escritos, ao se considerar também os suportes que guardam esses registros, que trazem vestígios até então descartados. Para além dos escritos e seus suportes, a iconografia, vista não mais apenas como ilustração, mas como fonte, dentre outros materiais. É (re)conhecer a escola nos seus objetos, vê-los como suportes físicos das práticas que ali se desenvolveram.

Portanto, não se pode mais prescindir das investigações que consideram os mais diversos lugares de memória, capazes de fornecer pistas, ao indiciarem práticas e propiciarem a revisão de pressupostos teóricos e metodológicos, diante das possibilidades dessas outras fontes documentais.

É necessário que se pontue a importância que se sentiu, naquele momento, e posteriormente quando da organização do dossiê, de agregar pesquisadores que, além de abordarem a temática em foco, tivessem realizado trabalhos de intervenção de forma mais contundente e prática.

Começarei pelos colegas portugueses: primeiramente o Professor Rogério Fernandes e a Professora Margarida Felgueiras, com a feliz iniciativa de desenvolver em seu país o Projeto *Para um Museu Vivo da Escola Primária*, no âmbito da RIHMIE, Rede de Investigadores em História e Museologia da Infância e da Educação. Esse projeto, iniciado em 1997, teve sua divulgação entre os pesquisadores brasileiros quando de sua apresentação no IV Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação em Coimbra e depois, com a vinda de Rogério Fernandes em 2000, e de Margarida Felgueiras em 2002, na FE – Unicamp, foi possível fertilizar as pesquisas que já se vinham realizando nesta instituição, que se estendem até o

momento e continuam se beneficiando da rica interlocução com os colegas portugueses.

No presente dossiê, Rogério Fernandes pondera que a cultura da escola se desdobra em duas áreas de fundamental referência: uma que se refere à cultura material da escola, constituída pelo universo de objetos e instrumentos utilizados no exercício da atividade de ensino-aprendizagem e outra que envolve, no mesmo movimento, a relação de aprendizagem e a relação interpessoal. Ao optar por analisar o segundo desses dois aspectos da cultura da escola, recorre preferencialmente a ego-documentos, reduzidos a um breve conjunto de documentos escritos a pedido do investigador e centrados em torno da ação-relação entre professor e aluno, na escola primária portuguesa dos finais do século XX.

Margarida Felgueiras, por sua vez, em seu artigo, lembra a importância de se resgatar o passado plurifacetado da escola, produzido por diferentes atores sociais, o que exige um trabalho de elaboração e procura de fontes, não apenas nos arquivos, mas também junto de pessoas, despertando recordações, recolhendo materiais pessoais. Sublinha o significado da cultura material da escola e a necessidade de se aliar uma política de conservação ao estudo dessas fontes, salientando o contributo da museologia.

Outrossim, a professora Maria João Mogarro, de Portugal, já havia proposto, em 2003, um projeto visando a constituição de uma Rede de Museus Escolares em Portalegre (REMEP). Ademais, a experiência que acumula com o trabalho no Arquivo da Escola do Magistério Primário de Portalegre (AEMPP), sobretudo no levantamento e classificação dos documentos do arquivo, tem possibilitado, na interlocução com o nosso grupo, a comparação dos documentos de arquivos escolares portugueses e brasileiros. A participação da Professora Maria João Mogarro neste dossiê deixa patente a sua contribuição e a necessidade de interlocução e estudos comparativos entre os dois lados do Atlântico.

O Professor Agustín Escolano Benito, da Universidade de Valladolid, na Espanha, além da rica contribuição para aprofundar a discussão sobre o tema cultura escolar, que hoje já se constitui em tema obrigatório aos historiadores da educação que seguem pelo estudo da escola, tem o seu nome fortemente ligado à manualística. Com publicações de grande porte sobre o tema, o professor Escolano organizou em seu país o Fondo Documental: Schola Nostra, Centro de Memória de la Cultura Escolar, local em que disponibiliza aos estudiosos da educação um vasto acervo de manuais escolares, além de ter dirigido a publicação *Historia ilustrada del libro escolar em España*, editada em dois volumes. No artigo deste dossiê, o Professor Escolano aborda as relações de autonomia, interdependência e convergência entre a cultura empírica dos professores – guiada pela lógica da razão prática –, a cultura científica dos acadêmicos – regulada pelo *logos* dos discursos – e a cultura política dos gestores – determinada pelas estratégias burocráticas do controle social.

Da Argentina, Inés Dussel, coordenadora da área de Educação da Flacso, teve seu livro *A invenção da sala de aula* publicado no Brasil pela Editora Moderna. Escrito em co-autoria com Marcelo Caruso, a obra, que aborda a sala de aula moderna como uma construção histórica, produto de um desenvolvimento que deixa margem inclusive para se pensar outras alternativas e possibilidades, ou seja, “outros caminhos” para nossas práticas, já consta de bibliografia que nos tem inspirado em tantos trabalhos. O texto apresentado neste dossiê, como elucidada a autora, a propósito das análises das aparências escolares, trazem à tona o cotidiano escolar e os efeitos da escolarização em nossa sociedade, na relação da cultura material nessa constituição.

A interlocução com Carmen Sylvia Vidigal de Moraes, pesquisadora do Centro de Memória da Educação da FE – USP, vem se constituindo em uma profícua parceria em projetos de preservação e organização de centros de documentação em instituições escolares. A pesquisa desenvolvida por Carmen Sylvia sobre o ensino técnico no Estado de São Paulo, da qual desmembrou-se o projeto de organização de Centros de Memória em oito escolas técnicas paulistas, foi fundamental para que nos posicionássemos quanto aos rumos que deveríamos implementar aos nossos trabalhos com os arquivos escolares, em Campinas. Ao final da pesquisa de Carmen Sylvia, publicou-se o inventário das fontes documentais contidas nos centros de memórias das oito instituições e o Álbum fotográfico, ou *Uma História em Imagens*, como se enuncia, pelo Centro Paula Souza e Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, com apoio FAPESP. Tais publicações têm-se tornado, desde então, referências aos trabalhos que vimos desenvolvendo com as instituições campineiras. O artigo apresentado neste dossiê, juntamente com as pesquisadoras do projeto: Iomar Barbosa Zaia e Maria Cristina Vendrameto, traz os procedimentos e os resultados da pesquisa, realizada entre 1998 e 2003.

Pedro Paulo Funari, com quem já vimos mantendo interlocução sobre o tema cultura material, sobretudo no âmbito da arqueologia, neste dossiê apresenta, com Andrés Zarankin, uma discussão sobre o papel da arquitetura no âmbito escolar, a partir de estudo por eles implementado. Partindo da Arqueologia, como disciplina especializada no estudo da cultura material, uma vez que a mesma apresenta as ferramentas teórico-metodológicas mais úteis aos objetivos para os quais se propõem no presente artigo, que visa um estudo de caso, os autores apresentam uma análise das escolas do ensino fundamental, na cidade de Buenos Aires, Argentina.

Para Laerthe de Moraes Abreu Júnior, o interesse neste campo em discussão tem uma natureza complexa e interdisciplinar, pois abrange a história da educação, assim como a antropologia, a sociologia e a pedagogia – em cuja articulação ele se propõe a investir no presente artigo, ao enveredar pela literatura, em parceria com a história, e buscar apontar caminhos para a discussão metodológica a respeito de um campo de pesquisa chamado cultura material escolar.

A oportunidade de reunir este grupo de pesquisadores para a discussão de um tema que se vem constituindo em constante preocupação, não só por parte dos historiadores da educação, mas de um número cada vez maior de estudiosos da educação, creio que se apresenta em boa hora, para fertilizar o debate sobre o tema das culturas escolares e da materialidade da escola, sobretudo por confirmar a necessidade de preservação de um patrimônio que se perde em porões e galpões de instituições, o escolar.

Agradeço aos autores que compõem este dossiê, pela confiança que em mim depositaram ao enviarem os seus textos. Agradeço a Malu, pela seriedade do trabalho, que desenvolve com tanta desenvoltura e simpatia. A Ana Lúcia Goulart de Faria, pela força e pelo incentivo.